

luz no aniversário de sua morte e fazendo caridade "in memoriam" por aqueles que um dia os educaram.

Entendemos que só uma base sólida de vida familiar garante o bem estar de cada um de seus membros, o que levará a Humanidade a seu propósito último, a Paz, Shalom.

### Conclusões

Tendo problemas e dificuldades comuns, devemos unir forças para tentar encontrar soluções... pois, se

não nós, seitas extremistas o farão.

Temos posições teológicas e éticas similares, e também distintas, ou seja, é preciso conhecermos todas as posições..., e abraçarmos posições claras, devido ao perigo de posições neutras... Para isso devemos estar envolvidos e identificados. Programas de "outreach", de longo alcance devem ser traçados e desenvolvidos, pois as famílias esperam ser convocadas, se bem que nem sempre o sabem; assim estaremos garantindo que a nova geração possa usufruir do fruto que hoje plantamos.

## PAZ E DIÁLOGO

Rachel de Queiroz

Comovida e bastante intimidada, tentarei desincumbir-me da tarefa que me deram: falar sobre **Paz e Diálogo** ante esta ilustre assembléia.

Paz e diálogo. Será isso que realmente está faltando no mundo, desencadeando tantos conflitos, tanto derramamento de sangue, tanto desamor e miséria?

Por falta de Paz e Diálogo, os homens estão a dilacerar-se na Bósnia e Herzegovina, em guerra cruelíssima - a pior de todas as guerras, que é a guerra civil!

A África inteira igualmente se dilacera em conflitos, resultantes de velhos ódios tribais, da prepotência e injustiça do colonizador, que arbitrariamente criou no continente negro a sua geografia própria, sem se preocupar com as antigas, talvez milenárias, extremas, que já dividiam o território africano entre tribos; e porque não dizer nacionalidades?

E o Haiti carece de intervenção estrangeira, e Cuba se atira ao mar em frágeis balsas, em patética e desamparada emigração.

Pelo chamado Oriente Próximo e pela Ásia, as seitas muçulmanas ou não, continuam se entrechocando e se matando, e a causa disso

não é a comida nem a terra, a defesa ou o assalto de riquezas; o principal agente provocador de todas essas guerras é o sentimento mais inferior do ser humano; é o ódio ideológico e religioso - se se pode qualificar de religioso o fanatismo, que não recua nem diante do assassinio.

Durante os quase dois mil anos da Diáspora - depois do Imperador Tito, depois da trágica imolação dos heróis, na derradeira resistência judaica em Massada, o Povo de Israel tem vivido disperso pelo mundo, buscando senão uma nova pátria, pelo menos abrigo; ao longo do Mediterrâneo Oriental, internando-se pela Europa Central, chegando ao Báltico e à Rússia. Onde quer que encontrasse um novo lar e acolhida, senão fraterna, pelo menos tolerante. Levavam eles consigo as suas mãos laboriosas, a inteligência, a coragem, e aquela consciência de uma identidade própria, que Deus lhes infundira desde o seu primeiro pacto com o Patriarca Abraão.

E levavam, acima de tudo, como guia, fanal e regra inamovível, o Livro. O Livro, que os gregos chamaram de Bíblia, o Livro que condensava em si a doutrina ina-

balável, a fidelidade, a exclusividade monoteística ao Deus único, e os preceitos da caridade, da honestidade e da obediência.

Enfrentavam toda a espécie de tarefas, respeitavam todas as leis locais, aceitavam a arrogância dos príncipes e até mesmo a de tiranos em cujas terras vivessem. Mas sob uma única condição; que essas leis locais, que os costumes, os usos, as regras de viver, não conflitassem com as regras do Livro. Aquelas regras que para eles condensam toda a essência do comportamento humano e que lhes foram ditadas pelo Senhor.

Coincidindo com a dispersão dos Judeus imposta, pelas armas das legiões romanas e pela destruição do templo, surgiram os primeiros cristãos. Era o Messias prometido pelas Escrituras, aquele que viria redimir Israel e devolver-lhes a luz divina e a glória. Mas os fiéis à Lei Antiga não aceitaram Jesus como o Messias. E então os Judeus se apartaram dos irmãos que adoravam Jesus como Filho de Deus único. Ambas as facções, contudo, continuavam fiéis e reverentes ao Livro, na sua quase integralidade, divergindo somente a partir do aparecimento de Cristo. O ponto nevrálgico era pois a figura de Jesus, nascido no reinado de Herodes, o Grande, crucificado sob o Pôncio Pilatos, sendo Tibério I imperador de Roma.

No ardor apaixonado da sua nova fé, saíram os cristãos pregando pelo Mediterrâneo Oriental ganharam a Grécia, invadiram a própria Roma imperial. E se foram alastrando pela Europa, brandindo o símbolo da cruz, espalhando por todas as nações o que chamavam a Boa Nova - o Evangelho e, assim mesmo, até alcançar o IV século D. C. a convivência entre os adeptos de ambas as facções se revelava extremamente pacífica. Até então, por exemplo, os cristãos respeitavam o sábado, como o faziam os judeus com o shabat. E quando depois começaram os debates e até mesmo se trocavam anátemas, deles não decorreram lutas, não se derramou sangue.

É Verdade que sangue cristão correu muito, ainda em vida dos apóstolos. Mas não vertido por lutas entre os irmãos desavindos: foi o poder imperial romano que os tentou de toda forma esmagar, jogando-os às feras no circo, transformando-os em tochas de fogo sob Nero.

Quanto aos judeus, eles próprios também vítimas da tirania romana, eles próprios derrotados e dispersos, tinham marcado a sua última resistência na já referida epopéia heróica de Massada.

Invadindo e até ultrapassando o mundo romano - que representava então a Europa civilizada, os pregadores cristãos conseguiram al-

cançar e converter alguns príncipes bárbaros que, aos poucos, se tornavam herdeiros da metrópole decadente. E dentro da própria Roma pagã, ousaram os cristãos sagrar os seus primeiros Papas, institucionalizando assim a Igreja.

Enquanto isso, o Povo Judeu, privado da sua pátria, derrubado o seu templo, disperso mas não subjugado, continuava fiel à Lei, ao Livro. Fiel àqueles dez mandamentos que, gravados nas tábuas da Lei, o Senhor entregara a Moisés, no Monte Sinai. Aqueles mesmos dez mandamentos que os irmãos repartidos tinham levado consigo e aos quais os novos fiéis cristãos procuravam obedecer com a possível fidelidade, tentando adoçar e refrear sob a inspiração dos ditames do Livro, os impulsos e violência dos seus corações ainda bárbaros. E então chegou um tempo em que se espalhou pela Europa a notícia terrível que os adeptos de uma nova religião, os guerreiros de Maomé, haviam invadido e profanado o país da Palestina, que tanto os judeus como os cristãos chamavam a Terra Santa, e cujo coração e símbolo maior, era a cidade de Jerusalém. Armaram-se os reis cristãos, levantaram-se exércitos cuja composição ia dos mais nobres príncipes aos mais humildes servos. Até velhos, mulheres e crianças se atiravam à empolgante e fatal aventura das Cruzadas.

Não pretendo narrar aqui esse episódio que todos certamente deves conhecer e interpretar muito melhor do que eu. Só queria acentuar que, naquela empolgação religiosa das Cruzadas, nobreza e povo acorriam em armas para salvar os lugares sagrados, visando apenas um único inimigo: o muçulmano, o mosleme, o infiel devoto de Mafoa. Nunca, nesse universo de inimigos, nunca, entre os cristãos, sequer se mencionou o Povo Judeu.

Povo que, insisto, não estava exterminado como se poderia supor, mas continuava dilacerado e dividido. Disperso embora pela diáspora, pelos quatro cantos do mundo, persistia fiel, obedecendo às leis sagradas do Livro, fiel aos sacerdotes - os rabinos, os guardiões e responsáveis pela palavra do Livro. Aprendiam eles a falar os diferentes idiomas dos povos em cujas terras viviam, mantendo porém a brasa viva, o diamante intocado da sua doutrina; as orações ao Senhor deveriam ser rezadas na língua dos patriarcas e dos profetas, conservando-a viva, pela força do Livro, sem aceitarem jamais que o hebraico se tornasse uma língua morta.

Passado o furacão das Cruzadas, sendo a Europa então o centro do mundo (embora provavelmente já houvesse judeus espalhados até pela Índia e pelo Oriente

Extremo) foram se formando, dentro das cidades cristãs, as minorias judaicas. Minorias que, de certo modo, se auto-isolavam, na sua observância rígida dos preceitos da Lei inquebrantável. E deu-se então, entre eles e o resto da Europa, o afastamento típico que isola aqueles "que são diferentes". Os judeus continuavam a guardar o sábado, os cristãos já guardavam o domingo. Os cristãos adoravam Jesus, o Filho de Deus, e os judeus não admitiam filho nenhum a seu Deus, o Velho Deus dos profetas e dos patriarcas. E essa negação em aceitar o Cristo estava, claro, na base de todas as dissensões. Era a matéria de fé que os separava, contudo não era apenas a matéria de fé. Não, não seria só a matéria de fé. Os judeus eram mesmo bem diferentes daqueles cristãos medievos. Os judeus sabiam ler, nesses tempos obscuros em que até o imperador Carlos Magno não era alfabetizado. Com um agravante: os judeus liam, não em letra comum, mas naqueles misteriosos caracteres que representavam também o idioma do Livro. E eram industriosos; sabendo ler, escrever, fazer contas, com tantas sabenças, muitos deles se tornaram os escribas, os intendentes, os tesoureiros dos príncipes. Mas assim mesmo, lhes era negada a cidadania. Não tinham títulos nem direitos, eram simplesmente "os judeus do rei";, como o famoso e

doutor Abravanel, cujos longínquos descendentes vive hoje no Brasil e são cidadãos brasileiros.

O costume geral era isolá-lo em guetos. Não podiam possuir terra, nem cultivá-la; não podiam exercer o mister das armas. Mas sabiam trabalhar o ouro, a prata, as pedras preciosas: eram ourives. Eram médicos também ou físicos, curavam doenças, socorriam os soldados feridos em combate, praticavam a possível e rudimentar cirurgia da época. Mas os próprios que se valiam das suas poções e unguentos, da sua destreza em pensar ossos quebrados e costurar feridas - esses mesmos que deles se socorriam, começavam a suspeitá-los de mágicos e a acusá-los de bruxos.

Os que mais se distinguiam na sociedade eram os financistas; com o intercâmbio que a arte da escrita lhes permitia manter com negociantes de outras praças, criaram aos poucos toda uma estrutura comercial e bancária, que ainda hoje - altamente melhorada e sofisticada - sobrevive e governa o mundo dos negócios. Então, como os judeus ficavam ricos, com os seus negócios, com suas casas bancárias incipientes, começaram também a ser invejados. E iam aumentando assim a distância e a hostilidade.

Com o Renascimento, na Europa, e as grandes descobertas pelos mares, abriram-se novos horizontes nas ciências e nas artes e, logi-

camente, abriram-se portas para os judeus, com tantos cientistas, artistas e filósofos no seu meio. Mas eis que surge o cisma de Lutero, declarando guerra franca a Roma, seduzindo príncipes e até populações inteiras, que tentavam se liberar do domínio Papal. Começaram as Guerras de Religião. E a Santa Inquisição, criada pela Igreja Católica com o fito de expurgar os erros contra a fé, arrastada e intimidada por uma minoria de fanáticos, englobou entre os suspeitos de bruxaria e sacrilégio também os judeus, os "diferentes", os que recusavam a doutrina comum e se apegavam à sua velha fé, a sua velha Lei do Livro. E por tal obstinação sofriam prisão, tortura e morte. Pelo fogo, inclusive.

Foi um período de trevas a que eu não deveria aludir agora, nesta reunião de congraçamento, reconciliação e paz. As crises de fanatismo exacerbado podem acontecer em qualquer comunidade, e qualquer tempo (até entre os próprios judeus!) E de há muito que a Igreja Romana fez uma revisão severa sobre o assunto e reduziu o tema de heresia às suas proporções adequadas. Aliás, muito apropriadamente se deve recordar que não eram só inquisidores que puniam os heréticos.

Depois de provada a culpa, os acusados eram entregues ao braço secular, ao poder civil, que os sub-

metia a leis de severidade variável, em cada reino. A Igreja não tinha carrascos.

Veio depois o século das luzes, veio a Revolução Americana, veio a Revolução Francesa. Os povos civilizados passaram a aspirar, e até mesmo a fruir, da nova descoberta filosófica; a democracia. O mundo se liberava das trevas e, com ele, deveriam liberar-se os judeus.

Liberaram-se? Em termos, só em termos. Na Europa Central, na Rússia, nos Balcans, o preconceito e até mesmo o rancor anti-semita, já era um mal secular, de fundas raízes. Na Polônia católica, na Alemanha protestante, na Áustria católica, na Rússia ortodoxa, os guetos residenciais, a igualdade negada aos judeus era instituições aparentemente inabaláveis. Até na França libérrima, em pleno século XIX, durante a Questão Dreyfys, levantou-se tal Maré de lama e fúria, que nem a prova da injustiça cometida contra o capitão judeu, conseguiu sufocá-la de todo. E nem se conseguiram extinguir, pelo Leste Europeu, os famosos progroms contra os "semitas", durante os quais se caçavam, feriam e matavam judeus, como se caçam lobos.

No começo do século vinte, rebenta a Primeira Grande Guerra. Depois de quatro anos de sangueira e destruição, vence as potências aliadas. E os vencidos, duramente

tratados, entregaram-se a uma paixão inominável de ressentimento e sede de vingança, preparando-se para a revanche. Logo descobriram um bode expiatório, um "inimigo interno", ao qual podiam atribuir a culpa das derrotas e misérias do pós-guerra; era judeu. Deram vida nova ao velho mito da "raça ariana", mãe dos heróis wagnerianos, belos, louros, talhados para senhores do mundo, vitimados pela conspiração dos semitas, sub-raça perversa e degenerada, que seria necessário exterminar. E antes mesmo de deflagrada a Segunda Grande Guerra, já os ditos "arianos" iniciavam o seu Holocausto, que prometia limpar de judeus a face da terra.

O que eles fizeram - talvez na história do homem sobre a terra, nunca se tenha vivido tanto horror, em tais proporções.

Nem precisamos insistir, que ainda está na memória de todos. Mas devemos ressaltar que, durante todo aquele período de trevas, jamais a Igreja católica teve aproximação com os crimes institucionalizados pelo nazismo. Nem com o próprio nazismo, evidentemente.

Não sendo potência militar, o minúsculo Estado do Vaticano, virtualmente aprisionado dentro dos muros da Roma fascista, sua liberdade de ação prática era mínima. Mas nem por isso deixou de usar os recursos possíveis, aliados

ao seu prestígio moral em benefício das vítimas do Eixo, denunciou, ajudou fugitivos, ocultando-os ou lhes dando meios de escapar. Muitos prelados romanos chegaram a unir forças com organizações secretas que comandavam a resistência. Há milhares de testemunhos que contam a ação infatigável do clero católico na luta contra o terror nazi-fascista.

Mas, como sempre, após a escuridão nasce o sol. E para os judeus, passada a sinistra, a negra noite do holocausto, a consciência envergonhada do mundo lembrou-se de uma velha promessa: devolver a pátria perdida ao povo de Israel. Assim, a promessa foi cumprida; criou-se o novo Estado, na própria terra da Palestina que fora sempre dos judeus, desde milênios.

Estado laico, de formação socialista, território disputado por vizinhos em todas as suas fronteiras, Israel, desde o primeiro instante de sua vida nacional, teve que enfrentar a guerra. Na guerra tem vivido. Os velhos adversários dos cruzados, empunham as armas para retomar aquela terra da qual se apoderaram durante séculos, considerando-se seus senhores legítimos.

Afinal, agora, após quase meio século de luta incessante, aparece uma promessa de Paz. Ainda ameaçada, ainda sobressaltada de incidentes perigosos. Mas, pelo menos, Israel já não luta sozinho

contra os fundamentalistas fanáticos que distribuem seus golpes até entre os próprios irmãos de crença. Os vizinhos, tão duros, antes já se deixam comover pelas promessas de paz e sonham com uma vida em que as bombas e os tiros não sejam os únicos argumentos de discussão.

O Deus dos cristãos e dos judeus, compadeceu-se de tanta luta e tanta dor: fez com que os ouvidos se abrissem às palavras de Paz e se iniciasse entre Israel e os Palestinos um Diálogo de entendimento e abertura. Os povos do resto do mundo ficaram de respiração suspensa, esperando o milagre. E o milagre veio, substanciado no aperto de mãos entre os dois chefes da guerra, provando que a paz já não era mais uma vaga promessa. E entre avanços e recuos, e até mesmo terríveis obstáculos que os fanáticos remanescentes incansavelmente criam, a paz continua levantando as suas asas.

Colaborando com os trabalhos em prol da Paz, o Vaticano, na figura generosa desse grande Papa que é o João Paulo II, atenta e ansiosamente aguarda o ensarilhar das armas. Faz mais: reconhece oficialmente o Estado de Israel, promove a troca de embaixadores entre o Estado de Israel e o Vaticano.

E o gesto mais belo e comovente que poderia partir de um pontífice, selou o novo tratado de amizade; foi quando João Paulo II, abrindo os braços para os representantes de Israel, passando por cima de tantos séculos de controvérsia e distância, chamou os judeus de "os nossos irmãos mais velhos".

Estava lançado o arco da aliança, estabelecida a fórmula ideal para que definitivamente se entendessem, e, Deus querendo, fraternalmente se amassem, os filhos de Israel e os fiéis da Igreja Católica, Apostólica, Romana.